

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TÉCNICA:  
POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE WILHELM REICH E  
SÁNDOR FERENCZI

Bruno Henrique Prates de Almeida

2011

O intuito deste breve texto é o de apresentar, sucintamente, alguns dados históricos que possam esboçar um eixo por meio do qual poderemos articular alguns pontos, bem como problematizá-los. Optamos por nos ater à discussão sobre a técnica, buscando verificar possíveis aproximações entre o que Reich e Ferenczi propunham no decorrer da década de 1920.

### **BREVES DADOS HISTÓRICOS, APONTAMENTOS TÉCNICOS E POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE WILHELM REICH E SÁNDOR FERENCZI**

Com vinte e três anos de idade, Wilhelm Reich (1897 - 1957) candidatou-se a membro da Sociedade Psicanalítica de Viena e embora ainda não fosse graduado, foi aceito após apresentar o artigo *Conflito libidinal e a ilusão de Peer Gynt de Ibsen*, em outubro de 1920. A partir dessa data, o teórico vincula-se de forma direta ao movimento psicanalítico, participando e publicando intensamente pelos próximos quatorze anos - até 1934. Durante esse percurso dentro da psicanálise, o teórico deu importantes contribuições técnicas e teóricas.

Ao final do Congresso Psicanalítico Internacional ocorrido em Berlim em setembro de 1922, houve a proposição da formação de um seminário técnico para o estudo dos problemas terapêuticos e uma verificação cuidadosa dos casos clínicos difíceis. O Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena firmou-se como uma reunião de psicanalistas, cujo intuito era o de discutir casos estagnados, fracassos analíticos, questões técnicas e possíveis alterações da mesma. Tratava-se, também, de uma tentativa de melhor compreender o funcionamento das resistências ao tratamento e como se trabalhar com elas. Tal seminário recebeu a aprovação de Freud e, de 1924 a 1930, foi dirigido por Reich (BOADELLA, 1985).

Um dos textos por nós utilizado para compor esta discussão foi apresentado por Reich em 1926 e intitulado *Sobre a técnica de interpretação e de análise da resistência*. Publicado no ano seguinte, na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, esse artigo divide-se em três subtítulos, sendo o primeiro denominado *Alguns erros típicos na técnica de interpretação e suas*

*consequências*. O autor destaca que o início do tratamento é de suma importância, dado que os erros cometidos nesse período podem comprometer todo o percurso, caso não sejam solucionados em tempo hábil. Nesse ponto, cita que “não nos devemos desencorajar porque, como disse Ferenczi, cada nova experiência nos custa um caso” (REICH, 1926/2001, p. 35). Podemos ressaltar que há, basicamente, três pontos que foram problematizados enquanto possíveis causas de fracassos terapêuticos: no primeiro, o analista não se dá conta da transferência negativa encoberta por atitudes positivas manifestas; o segundo versa sobre casos em que há muita recordação, no entanto, o paciente permanece intocado afetivamente (paralisia afetiva); em terceiro, os casos que não fornecem associações e opõem claras resistências.

Diante desses impasses, Reich lista quatro erros da técnica de interpretação, a saber: 1) interpretação prematura do significado dos sintomas e manifestações do inconsciente; 2) interpretação do material na sequência em que é oferecido, chamada também de interpretação assistemática do sentido; 3) interpretar o significado antes de interpretar e trabalhar as resistências; 4) inconsistência na interpretação das resistências, muitas delas latentes, que passam despercebidas ou o analista teme revelá-las. O autor termina essa primeira parte do artigo expondo algo interessante para nossa discussão. Nas palavras do autor:

Na base desses erros está, provavelmente, uma interpretação incorreta da regra freudiana, segundo a qual se deve deixar ao paciente a direção da análise. Esta regra significa apenas que não se deve perturbar o trabalho do paciente quando segue no rumo de seu desejo consciente de melhorar e de nossa intenção de o curar. É claro, entretanto, que devemos intervir quando o medo do paciente de lutar contra seus conflitos e seu desejo de continuar doente perturbem esse rumo (p. 38).

Nos erros típicos listados, podemos perceber uma ênfase no cuidado para o uso indiscriminado da interpretação e, além disso, uma possibilidade

de maior atividade do analista nos períodos em que a análise encontra-se estagnada.

No segundo subtítulo do artigo chamado *Interpretação sistemática e análise da resistência*, o autor alerta que a teoria da técnica não deve ser aplicada indistintamente, pois cada caso apresenta suas singularidades. Desse modo, uma importante pergunta sugerida é “como utilizo melhor o que sei deste caso para a técnica deste caso?” (p. 39, grifo do autor). Acrescenta ainda que, no Congresso de Budapeste, foi discutida a possibilidade - e Freud foi favorável a isso - de se buscar diferenciações entre tipos de resistências, sendo a transferência negativa latente, um desses tipos.

O teórico segue discorrendo sobre o trabalho de interpretação das resistências e cita algo interessante, que nos remete ao que Freud chamou de “tato” do analista (*Análise terminável e interminável* - 1937), a fim de lidar com algumas questões no percurso de uma análise - como questionar sobre a sexualidade de uma mulher neurótica ou mesmo lançar mão de algum artifício técnico mais ousado. Reich cita que “para o deslindamento da resistência e a apreensão de seu significado atual certamente não há regras. Em grande parte, isto é uma questão de intuição - e aqui começa a arte da análise que não pode se ensinar” (p. 41).

Ao discutir sobre o material analítico, faz outra referência direta a Ferenczi. O que Reich procurava ressaltar é que, além das comunicações verbais, sonhos, lapsos etc, o comportamento do paciente - seu jeito, olhar, tom de voz, expressão facial, vestuário, maneira de apertar a mão - era amplamente subestimado ou completamente negligenciado, segundo sua visão. De acordo com ele, esses dados seriam uma ampliação do material analítico já sinalizado por Freud. O então psicanalista registra que “no Congresso Internacional de Innsbruck, Ferenczi e eu, independentes um do outro, salientamos a importância terapêutica desses elementos formais” (p. 41-42).

Na última parte do artigo, intitulada *A consistência em análise da resistência*, o autor salienta três pontos. O primeiro trata sobre o uso descuidado da técnica interpretativa e critica analistas que bombardeiam o

paciente com interpretações desde o início do tratamento. Para Reich, “a interpretação é comparável a um remédio valioso, que deve ser usado com parcimônia para não perder sua eficácia” (p. 49). O segundo ponto levantado versa sobre a passividade analítica. De acordo com a orientação reichiana, muitos analistas, “entendendo incorretamente o conceito de passividade analítica, são peritos na arte de esperar. [...] No período da resistência, recai sobre o analista a difícil tarefa de dirigir o andamento da análise” (p. 49). E, por último, assinala sobre a recomendação de se interpretar as resistências primeiramente e a questão atividade/passividade do analista. Em suas palavras

A controvérsia sobre se é melhor uma atitude ativa ou uma atitude passiva não nos diz nada colocada dessa forma. Pode-se dizer de modo geral que nunca é cedo demais para começar a tratar as resistências na análise e que, com exceção das resistências, nunca é tarde demais para interpretar o inconsciente. Em geral, o procedimento é o inverso disso: o analista tem o hábito de por um lado mostrar coragem demais na interpretação do significado, e por outro adular servilmente tão logo uma resistência venha à tona (p. 50).

Na década de 20, mas não só nesse período, a discussão técnica configura-se como preocupação notável, ocupando importante espaço no meio psicanalítico. Em 1926, ano da apresentação do artigo brevemente exposto, Reich dirigia o Seminário de Técnica de Viena, no qual procurava sistematizar e organizar uma teoria da técnica, bem como buscar aprimoramentos. Esse movimento estava assentado nas premissas freudianas e nas discussões, por vezes calorosas, dos seminários.

Sándor Ferenczi (1873 - 1933) foi um psicanalista húngaro nascido na cidade de Miskolc. Formou-se em medicina aos 21 anos pela Universidade de Viena e veio a conhecer Freud em 1908, tornando-se um dos mais íntimos colaboradores de Freud na difícil tarefa de estabelecer a psicanálise como nova ciência do psiquismo e um tipo de tratamento terapêutico.

Devemos afirmar a ousadia de Ferenczi nas suas tentativas de inovar tecnicamente, de forma a contribuir efetivamente para o desenvolvimento do legado freudiano. A técnica ativa foi uma dessas audaciosas proposições e, por mais que o próprio autor tenha sido cauteloso e expressado claramente suas recomendações, considera que “recebeu [...] uma acolhida ora bastante crítica, ora um pouco amistosa demais” (Ferenczi, 1926/1993, p. 365). No texto *Contra-indicações da técnica ativa* (1926/1993), o autor explora algumas recomendações acerca da técnica em questão. No entanto, por ora, destacaremos a parte em que discorre sobre alguns prolongamentos dessa atividade. Dentre elas, Ferenczi cita que em outra ocasião havia falado sobre as tensões musculares e “*exercícios de distensão* e que esse modo de relaxamento permite com frequência vencer também com maior rapidez as tensões psíquicas e as resistências à associação” (p. 372, grifo do autor). Apesar de nada constar a esse respeito no texto reichiano utilizado anteriormente, essa consideração ferencziana nos chamou bastante atenção.

É sabido que, a partir do início da década de 30, Reich passa a se interessar, aprofundar, produzir e publicar extenso material relacionado a áreas do conhecimento que começavam a escapar de um enfoque puramente psicanalítico. O teórico passa a explorar de forma veemente as possíveis inter-influências entre o âmbito psíquico e o somático, de forma a pesquisar clínica e laboratorialmente as manifestações psíquicas e vegetativas da vida afetiva. Esse período - que marca o desligamento de Reich com a Associação Psicanalítica Internacional - inaugura uma nova investida do teórico e, supomos, pode ter estreita aproximação com algumas das considerações de Ferenczi acerca da técnica ativa.

Já no texto *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1928/1992) encontramos colocações que se aproximam de exposições prévias do texto de Reich. Ferenczi aprofunda a discussão “de saber quando e como se comunica algo ao analisando” (p. 27), dizendo que isso é “uma questão de *tato* psicológico” (p.27, grifo do autor). Reconhece, porém, a limitação de se conceituar uma importante parte da técnica desse modo e define que “*o tato, é a faculdade de sentir com*” (p. 27, grifo do autor). Acrescenta que se o analista, além do que foi posto, estiver atento às resistências do paciente,

saberá quando e como comunicar algo importante. O que Ferenczi parece sugerir é que o analista possa interpretar levando-se em conta as particularidades do outro e seu sofrimento único e não, simplesmente, cumprindo uma regra técnica. Há uma preocupação com o que se passa - afetivamente falando - no *setting* terapêutico, de maneira específica, entre o analista e o analisando.

De certo modo, Ferenczi também discute o uso das interpretações. Para ele, “nada mais nocivo em análise do que uma atitude de professor ou mesmo de médico autoritário. Todas as nossas interpretações devem ter mais o caráter de uma proposição do que de uma asserção indiscutível” (p. 31). O autor cogita a possibilidade real de que o analista pode equivocar-se, sendo esse um dos motivos para interpretar de maneira a propor algo e não a afirmar uma suposta verdade. O psicanalista adverte que “ser parcimonioso nas interpretações, em geral, nada dizer de supérfluo, é uma das regras mais importantes da análise” (p. 33). Acrescenta que “o fanatismo da interpretação faz parte das doenças da infância do analista. Quando se resolve as resistências do paciente pela análise, chega-se [...] a estágios em que o paciente realiza todo o trabalho de interpretação quase sozinho” (p. 33). Percebemos que, nesse período, o teórico traz recomendações técnicas importantes acerca dos excessos interpretativos e do trabalho prévio com as resistências, antes de lançar interpretações profundas. Essas considerações, em nossa visão, se aproximam do que Reich apresentou nessa mesma época.

A discussão técnica que perpassava os escritos ferenczianos e reichianos discorrem também sobre as resistências e como as mesmas tinham um nocivo efeito secreto contra interpretações profundas realizadas, muitas vezes, de maneira prematura e/ou assistemática e/ou inconsistente, tal qual nomeado por Reich. As resistências latentes era um dos pontos de discussão nos seminários técnicos. Ferenczi aponta que “no decorrer da análise, é bom ficar sempre de olho aberto para as manifestações encobertas ou inconscientes que revelam a incredulidade ou a recusa, e discuti-las em seguida sem rodeios” (p. 30). Podemos apontar que os dois autores chamam a atenção para a importância de lidar, diretamente e com tato, com as

resistências latentes e manifestas do paciente. É necessário que ao analisando seja dado o direito de expressar hostilidades e que o analista sobreviva a esses ataques, sem evitá-los por meio de uma atitude de repreensão autoritária. O autor chega a afirmar que o analista deve encorajar o paciente a exercitar seus afetos desprazerosos e que se preste “ao papel de *joão-teimoso*” (p. 30, grifo do autor), isto é, receba os impactos dos ataques, titubeie, mas não caia e os suporte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que arriscamos realizar nesse breve texto foi apenas esboçar impressões sobre possíveis aproximações entre proposições de Ferenczi e Reich, utilizando trabalhos contemporâneos dos dois autores. Mais além, percebemos ser esse um tema passível de aprofundamento, com o intuito de verificar algumas questões lançadas e experimentadas pelo primeiro, e que podem ter servido como ideias germinativas exploradas posteriormente, de maneira mais extensa, pelo segundo, num período que poderíamos denominar de pós-psicanalítico da carreira de Reich. Vale lembrar que, como o próprio teórico afirmava, mesmo desligado do movimento psicanalítico oficial, se via fazendo um trabalho que partia diretamente de seu berço teórico freudiano, mas com experimentações técnicas que fugiam ao escopo da psicanálise.

Convém notar que as questões técnicas sofreram diversas alterações, durante a edificação da psicanálise, configurando um tema para prolíferas discussões. Como exemplo, logo na introdução do artigo *Recordar repetir e elaborar* (1914), Freud alerta para essas modificações, discorrendo brevemente sobre as mesmas. Nesse trabalho, o fundador da psicanálise expõe algumas diretrizes, destacando a importância da utilização da interpretação a fim de identificar as resistências e torná-las conscientes. A transposição das resistências criaria condições para que o outro objetivo da análise fosse cumprido, a saber, a recordação de cenas, fatos, experiências encobertas.



Em nossa exposição, pudemos averiguar a preocupação de ambos em relação ao trabalho com as resistências e transferências negativas latentes, o delicado trabalho de interpretar - já que pode ser da ordem do traumático - e a arte (tato) que isso exige. O ensaio reichiano de 1926 traz à tona a discussão sobre as manifestações reprimidas e disfarçadas das resistências, defesas e transferências negativas latentes. Tais ideias eram discutidas e formuladas pelos participantes do seminário de técnica e Reich procurava sistematizar e organizar uma teoria da técnica que pudesse clarificar e auxiliar principiantes no ofício de analisar - atento à série de desafios e problemáticas decorrentes disso.

A empatia (*Einfühlung*), o *sentir com* proposto por Ferenczi, nos leva a pensar como esse dispositivo pode auxiliar na singularização do atendimento, um movimento diferente de aplicações técnicas de forma indiscriminada. Essa inquietação parece perpassar alguns textos reichianos, onde a busca pelo aprimoramento técnico se dá, também, a partir do caso individual.

Por meio de nosso breve contato com os textos de Ferenczi, notamos outra convergência que gostaríamos de apontar. A priori, ela foge de nosso propósito principal - verificar aproximações teóricas e técnicas - no entanto, pode complementar histórica e politicamente nossa resumida exposição. Devemos conceder relevo à problemática ligada à transmissão da psicanálise, na qual questões políticas e desafetos pessoais prejudicam a citação de alguns teóricos de importância histórica e conceitual. Há uma tendente predominância às versões consideradas “oficiais”, porém, julgamos que as mesmas não contemplam de forma justa as diferentes facetas de um mesmo evento.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Em relação às interessantes e polêmicas convergências e divergências presentes nos 14 anos de relação direta e intensa de Reich com a psicanálise, deixamos registrado o trabalho de Claudio Mello Wagner, intitulado *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* (1995). Em nossa visão, o autor consegue informar e responder, de maneira clara e equilibrada, muitas questões históricas, políticas e teóricas acerca da relação de Reich com Freud, a psicanálise e seu desligamento institucional.

Por fim, esclarecemos que optamos por fazer deste trabalho o esboço de um possível trabalho futuro, mais extenso, reforçando nosso interesse em aprofundar e averiguar mais aproximações e influências que as considerações de Ferenczi podem ter tido na teoria reichiana. Ao que nos parece, é algo pouco discutido e publicado.

**Bruno Henrique Prates de Almeida**

Psicólogo - CRP 06/89135

Mestre em Psicologia (USP)

e-mail: [bruno@ericom.com.br](mailto:bruno@ericom.com.br)

## REFERÊNCIAS

BOADELLA, D. (1973) *Nos caminhos de Reich*. São Paulo: Summus, 1985.

Coleção Analytica - A história da psicanálise através dos seus pioneiros. São Paulo: Imago, 1981.

FERENCZI, S. (1926) Contra-indicações da técnica ativa. In: *Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. (1928) Elasticidade da técnica psicanalítica. In: *Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, S. (1914) Recordar, repetir, elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, S. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

REICH, W. (1927) Sobre a técnica de interpretação e de análise da resistência. In: *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WAGNER, C. M. (1995) *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus, 1996.